

SESSÕES DO PLENÁRIO

61ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 15 de dezembro de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes) Invocando a proteção de Deus, declaro aberto a sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao professor e jurista Dr. Thomas Bacellar da Silva, nos termos da Resolução nº 2.122/2023, projeto da nossa autoria.

Convido para compor a Mesa o amigo e presidente da Associação Comercial da Bahia, Paulo Cavalcanti; o Sr. Balthazar Miranda, desembargador do Tribunal de Justiça; o Sr. Reinaldo Couto, procurador, que neste ato representa o procurador-geral da União na Bahia, Marcelo Cerqueira; o Sr. Ulisses Campos de Araújo, procurador de Justiça, que neste ato representa a procuradora-geral de Justiça da Bahia, Norma Angélica Reis Cavalcanti; a Sr.a Patrícia Saback, procuradora-geral adjunta para Assuntos Jurídicos, que neste ato representa a procuradora-geral do Estado, Bárbara Camardelli; Sr.a Firmiane Venâncio, defensora pública-geral da Bahia; Sr.a Daniela Lima de Andrade Borges, presidente da Ordem dos Advogados da Bahia; Sr. Francisco Netto, conselheiro e presidente Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia; Sr. César Farias, professor, que neste ato representa o diretor da Faculdade de Direito da Ufba, Júlio Rocha; Sr.a Germana Pinheiro, diretora do curso de Direito, que neste ato representa a reitora da Universidade Católica de Salvador, Roberta Gontijo; por último, Sr. Salomão Viana, juiz federal. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial e ao procurador-geral desta Casa, Dr. Graciliano, que conduzam a este recinto o nosso homenageado.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

Convido todos para acompanharmos a execução do Hino Nacional, com o saxofonista Daniel Duarte.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Gostaria de registrar a presença nesta manhã do Sr. Fabrício Castro, conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil-Bahia, ex-presidente da OAB; do Sr. Luiz Viana, ex-presidente e conselheiro federal da OAB-BA; do Sr. Luiz Coutinho, também conselheiro federal da OAB; do advogado Leonardo Bacellar, filho do homenageado; da Sr.a Aidil Conceição, desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça; Sr. Graciliano Bonfim, procurador-geral da

Assembleia Legislativa da Bahia; Sr. Antônio Pereira Matos, juiz da 28.^a Vara do Trabalho; Sr. Sérgio Nonato, procurador, amigo do homenageado; Sr. Sérgio Emanuel Teixeira, professor da Ufba; Sr. Jeferson de Oliveira Braga, secretário-geral da Associação de Advogados e Advogadas pela Democracia e pela Justiça e Cidadania; Sr.^a Denise Menezes, presidente do Instituto da Assembleia de Carinho, minha esposa; Rose Menezes, minha irmã, ex-prefeita de Campo Formoso; Arlivan Gonçalves, vereador, amigo do homenageado; Zara Rute Batista, amiga do homenageado; Ana Lúcia Bezerra, desembargadora aposentada do Tribunal Regional do Trabalho da 5.^a da Região; Paulo Manso; e tantos outros amigos aqui que não dá para nominar todos. Sejam muito bem-vindos à Assembleia Legislativa da Bahia.

O Sr. ADOLFO MENEZES: E como autor desta justa homenagem e de tantas que nós temos aqui, na nossa Casa, a Casa do Povo, vou tecer aqui a vida do nosso grande amigo e amigo de vocês, o homenageado, professor Thomas Bacellar.

(Lê) “Bom dia a todas e todos nesta manhã de sexta-feira, sob o sol baiano de dezembro. E não podia ser mais luminosa esta sessão especial da Assembleia Legislativa da Bahia, que homenageia com a Comenda Dois de Julho o mestre Thomas Bacellar, nosso brilhante '*lucerna iuris*' - da melhor tradição do Direito Penal brasileiro e internacional.

Esta comenda Dois de Julho é um símbolo de reconhecimento da Bahia e dos baianos, Dr. Thomas, por sua cultura jurídica e pela defesa intransigente da democracia e pela ampliação dos direitos fundamentais do cidadão.

O seu nome já integra o panteão dos baianos de larga estirpe desta Bahia, de inteligência ímpar e inspirada de Rui Barbosa, de Caetano Veloso, de Auto de Castro, de Orlando Gomes, de Caymmi, de Cosme de Farias, de Jorge Amado, de Carybé, de Raul Seixas, de Castro Alves, de João Ubaldo Ribeiro, de Aliomar Baleeiro e de tantos outros.

Não vou alongar-me no seu currículo extraordinário de advogado, professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia; professor e diretor da Universidade Católica de Salvador; presidente da seccional baiana da Ordem dos Advogados do Brasil e do Conselho Federal da OAB e procurador do Estado.

Por mais de 30 anos, foi diretor da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador, respeitado pelos seus pares, admirado por todos os servidores da Casa e, sobretudo, adorado por suas alunas e alunos - inclusive seu amado filho Leonardo, aqui presente, que recebeu a dádiva de ter um pai e um preceptor de altíssimo quilate. Mas, sobretudo, Thomas Bacellar, com o seu vasto conhecimento em psiquiatria forense, é um arguto observador e profundo conhecedor da alma humana.

Meus amigos, minhas amigas, desde jovem, por causa dos laços de amizade entre nossos pais, tive a honra de conviver, aprender e admirar esse homem extraordinário que é o professor Thomas Bacellar. O filho de dona Alice Bacellar da Silva e de seu Manoel Marcelino da Silva, com os quais aprendeu os valores fundamentais - não os do Direito, mas os da vida, de respeito ao próximo, de liberdade, de indignação contra a injustiça.

Só lamento em minha vida não ter sido, professor Thomas, seu aluno e discípulo, já que fui cursar Economia e não a Ciência Jurídica. Mas, acompanhei a vida inteira suas ideias e, sobretudo, sua postura firme em tempos duros e difíceis da ditadura que sombreou o nosso país por longos 21 anos. E por causa desse tenebroso tempo da vida nacional, relembro a sua postura enérgica e decisiva no trágico 27 de agosto de 1980, quando uma bomba, acionada por terroristas, matou a diretora-secretária da OAB, Lyda Monteiro da Silva - que, desde os 16 anos, trabalhava na instituição.

Como disse Thomas Bacellar: 'Dona Lyda morreu no campo de batalha, como um soldado que nunca vira o seu inimigo'. Convocado pelo presidente, Eduardo Seabra Fagundes, Dr. Thomas, presidente da OAB-BA, foi à sede do Conselho Federal, no Rio de Janeiro, cobrar do governo imediatas providências em face da inércia e omissão da Polícia Federal.

Imediatamente, o Conselho Federal da Ordem instituiu o 'Dia Nacional Contra o Terror' e o 'Prêmio Lyda Monteiro da Silva', a ser atribuído a trabalhos jurídicos inéditos sobre o terrorismo. Thomas foi presidente da OAB-BA por dois mandatos consecutivos, nos anos 1978-1979 e 1980-1981. E foi chamado pela classe para presidi-la novamente em dois novos mandatos seguidos, entre 1998-2000 e 2001-2003.

Democrata por essência, Thomas foi precursor da bandeira das 'Diretas Já' para a eleição de presidente da OAB-BA, em 1978. Visionário, foi o grande responsável pela interiorização da OAB por este gigantesco território da Bahia.

Amigas e amigos, sei, através de entrevistas, vídeos e artigos, que, apesar de toda a expertise dele no Direito Criminal, o grande farol que ilumina e guia a carreira do nosso laureado é a Constituição - não é o Código Penal e muito menos o Código de Direito Processual Penal. Fora das quatro linhas da Constituição tem-se o arbítrio, a injustiça, a incivilidade e a ditadura.

Sim, senhoras e senhores, o estado policial é um perigo. Lembro aqui o poeta romano Juvenal a perguntar em suas 'Sátiras': 'E quem montará guarda aos guardas?' Como próprio observa o mestre Thomas Bacellar, a partir de um enunciado do criminólogo italiano Enrico Altavila: 'a tendência geral da criminalidade não aponta para seu desaparecimento, como imaginaram, dentre outros, o espanhol Pedro Dourado Montero'. Mesmo entendimento do jurista Enrique Cury, penalista e membro da Corte Suprema do Chile, que preceitua que 'uma sociedade sem delito é tão inimaginável como uma vida sem dor, angústia ou enfermidade'.

E para corroborar esta teoria de que a criminalidade nunca terá fim, porque acompanha a própria alma humana, evoco outra história contada pelo nosso homenageado: No Rio de Janeiro, ao tempo do governador Carlos Lacerda, um chefe de Polícia, ao tomar posse, declarou enfaticamente que 'doravante não haverá mais crimes nessa cidade' e que 'a população pode dormir tranquila, porque tem quem vele pelo seu sono', Resultado: a onda de delinquência recrudescceu e ele foi demitido.

Assertivamente, o nosso jurista afirma que 'o criminoso de hoje não é só o leão rompente, mas, principalmente, a raposa matreira, astuciosa, que usa métodos sofisticados e técnicas poderosas'.

Em suas aulas na Universidade Católica, o mestre Thomas lembrava que, em 1500, nas caravanas lusitanas, vieram 450 degredados.

Portanto, o cometimento de delitos não é coisa de brasileiros, dos nossos povos originários. Tudo nos foi importado e ensinado.

Independentemente de a criminalidade não ter fim, o combate tem que ser feito.

É preciso, sim, limites, e que prevaleça o sentimento de justiça, essencial à convivência humana, que deve ser respeitado universalmente por todos.

Por exemplo, não é exequível que o Brasil ocupe o 5º lugar no ranking mundial de feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

Amigos e amigas, este é o resumo do espírito de Thomas Bacellar: solidário, fraternal, firme, sábio, mas tudo envolto em leveza e alegria.

E, para encerrar, lembro aqui Guimarães Rosa em 'Grande Sertão: Veredas': 'O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem'.

Guimarães Rosa, certamente, não conheceu Thomas Bacellar, mas parece ter escrito o retrato deste homem brilhante, dotado de alta sabedoria.

Longa seja ainda a sua vida, mestre, para que jovens advogados ainda possam aprender desta que é das mais belas das profissões, mas que deve ser exercida com ética e coragem.

A Assembleia Legislativa da Bahia rebrilha nesta manhã; a Bahia se agiganta com a Comenda Dois de Julho em vosso peito varonil!

Parabéns, Thomas Bacellar!

Muito obrigado a todas e a todos! Feliz Natal e um 2024 de saúde, paz e alegrias.”
(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido aqui, para ler uma mensagem, a Sr.^a Germana Pinheiro, diretora do curso de Direito, que neste ato representa a reitora da Universidade Católica, Roberta Gontijo.

A Sr.^a GERMANA PINHEIRO DE ALMEIDA FELIX: Bom dia a todos e a todas. Saúdo em especial esta Mesa alta e faço isso na presença do nosso ilustre homenageado desta manhã, o professor Thomas Bacellar. Aqui falo em nome da nossa reitora, professora Dr.^a Roberta Gontijo, e, em especial, também do nosso pró-reitor acadêmico, professor Dr. David Lorenzo. Assim como o professor David Lorenzo, tive também eu a grata alegria de ter sido aluna do professor Thomas Bacellar na Universidade Federal da Bahia, por isso estou bastante emocionada em ter como responsabilidade ler a todos vocês a carta da nossa universidade em homenagem e honra ao nosso querido professor Thomas.

(Lê) “A história da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador é marcada de forma indelével pelo legado inestimável do professor Thomas Bacellar, diretor por longa data daquela Faculdade de Direito. Ele é um professor que inspira gerações inteiras de juristas, uma pessoa de saber ímpar, hombridade absoluta e dotado de um senso de ética elevado, predicados dedicados em favor da justiça por toda a sua vida. Nossos corpos docente e discente prestigiam essa justa homenagem da ALBA e se irmanam em votos de estima imensa e contínua ao nosso decano professor Thomas.

Pessoalmente, sou agraciada por ter sido, sim, sua aluna na Universidade Federal da Bahia e seguir firmemente os seus passos, tornando-me advogada, docente e diretora da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador. Eu não diria, mestre, sucedê-lo, diria apenas que posso honrar o seu legado e seguir as suas lições.

Obrigada por tudo, professor!

A Universidade Católica parabeniza o estado da Bahia e a Assembleia Legislativa por tão distinta honraria e, mais uma vez, sempre reverencia, em público, o professor Thomas Bacellar.

Muito obrigada, professor, por compartilhar com todos nós ensinamentos que superam, e muito, a sala de aula. O senhor nos ensina, sempre. Não há nada mais poderoso do que a verdade, essa é a nossa lição.

Muito obrigada a todos. Bom dia.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Para muitos que talvez não saibam, Dr. Thomas e a sua família passaram longos anos em Campo Formoso, por isso a amizade com a família, amizade com meu saudoso irmão, Herculano Menezes. Por longo e longo tempo a gente se lembra quantas vezes eu, com minha mãe, amiga da família, amiga das irmãs de Thomas, a gente ia visitar Seu Marcelino ali naquela na casa da Barra pela qual sempre que eu passo a gente relembra, Thomas, da amizade e dos laços familiares. Thomas estudou na Escola José de Anchieta, em Campo Formoso, da qual minha mãe, depois, foi diretora por muito tempo.

Então, eu, que tão pouco concedo comendas aqui, nesta Casa, porque eu acredito que a gente tem de ser criterioso, e muito, na hora da escolha... Inclusive, nós tomamos uma decisão agora, com a nossa Presidência: para todas as propostas para conceder comendas, tanto a Comenda Dois de Julho, que é a mais importante desta Casa, como o Título de Cidadão Baiano, os critérios mudaram. Agora, passa pela Mesa Diretora, passando pente fino, para que a gente só conceda a pessoas que realmente mereçam – o que não estava acontecendo –, como é o caso hoje, nesta manhã, do professor Thomas Bacellar. É claro que com esse iluminado do Direito, que tem o dom da palavra, eu estou ficando bem atrás. Mas cada um faz um pouco do que sabe, não é Luiz Viana? Eu faço um pouco de política, o que talvez muitos não saibam fazer como eu faço, e eu também não tenho o dom da palavra como muitos, seguramente, que estão aqui, hoje, nesta manhã.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido para as suas palavras a conselheira, presidente da OAB-BA, Daniela. (Palmas)

A Sr.^a DANIELA LIMA DE ANDRADE BORGES: Bom dia a todas as pessoas.

Eu gostaria de saudar a Mesa de forma econômica, otimizando o tempo, na pessoa do presidente desta Casa, o deputado Adolfo Menezes, e, claro, do grande homenageado desta manhã, o nosso professor Thomas Bacellar.

Quero fazer uma saudação e um cumprimento a todas as pessoas aqui presentes na pessoa da advogada Esmeralda Oliveira, nossa secretária-geral da OAB-BA, grande amiga do homenageado. Então, quero, aqui, fazer esse cumprimento.

Vai ser uma breve saudação, professor, porque se eu soubesse que falaria, teria gastado horas escrevendo, porque o senhor, sem dúvida nenhuma, é uma grande inspiração para todos nós.

Estamos aqui presentes hoje eu, Fabrício Castro, Luiz Viana, em razão da referência... não só nós, mas tantos advogados que contribuem na OAB-BA; e advogados, a advocacia aqui presente, alunos seus, pessoas que tiveram no senhor a inspiração e a referência; professores, colegas seus da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Católica. Então, é uma emoção muito grande, porque nós sabemos o que o senhor representa em nossa vida.

Eu quero parabenizá-lo, deputado Adolfo, pela iniciativa. Eu ouvi com atenção cada palavra do seu discurso e vi a emoção e o carinho que o senhor tem pelo professor Thomas. Quero parabenizar esta Casa e o senhor pela iniciativa, e dizer, professor, que a gente não pode nunca construir um futuro sólido sem honrar a nossa história. E o senhor, sem dúvida nenhuma, é uma grande referência na história da Bahia, da advocacia baiana em absolutamente todos os aspectos que a gente pensar no que se refere, hoje, ao universo jurídico, porque o professor Thomas tem um legado na advocacia. Quem aqui nunca se inspirou com o professor Thomas no júri? O professor Thomas sempre deu aulas sobre o que é, efetivamente, exercer de forma plena a defesa em um tribunal, em um júri. Léo, o que é ter um pai desse como referência e como inspiração?

O professor Thomas é referência e inspiração na docência, não somente como diretor da universidade, mas também como professor, professor de vida de tantos que escolheram a advocacia. Escolheram a docência porque tiveram no professor Thomas a referência na nossa instituição, na OAB-BA.

Eu quero lhe dizer, professor, que só quem vive o voluntariado da OAB sabe a doação que é. O senhor foi presidente da nossa instituição por quatro vezes. E a gente imagina, porque só o senhor sabe, a doação que foi, inclusive para a família, não é, Léo? O tanto que isso significou de doação para o senhor. O senhor fez isso de uma forma inspiradora nos tempos mais difíceis do nosso país. O senhor nunca tergiversou na defesa da democracia, na defesa da advocacia, na valorização da nossa profissão e por isso o senhor é a inspiração que o senhor é.

Eu posso dizer que eu estou aqui hoje, que Fabrício Castro esteve onde esteve, Luiz Viana esteve onde esteve, porque o senhor esteve antes, abrindo caminhos e

construindo a história da instituição que é a OAB-BA, com a credibilidade que tem a nossa instituição.

Viva o professor Thomas Bacellar! Sempre muito obrigada, professor, por tudo que o senhor representa e inspira para todos nós.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a defensora pública-geral da Bahia, Firmiane Venâncio, também campo-formosense. Já viram, não é, João Rodrigues, que Campo Formoso...

A Sr.^a FIRMIANE VENÂNCIODO CARMO SOUZA: Muito bom dia a todos e a todas!

Queria saudar o nosso querido presidente desta Casa, o deputado Adolfo Menezes, e o nosso homenageado, professor Thomas Bacellar, na pessoa de quem saúdo toda a Mesa e todas as pessoas aqui presentes. Eu gostaria de saudar em nome de familiares meus que estão aqui, hoje, Cândida Peralva, Arlivan, as pessoas que estão aqui representando um laço muito fraterno que nós temos com o professor Thomas Bacellar.

O que eu poderia dizer na manhã de hoje é que Thomas Bacellar permeia todo o nosso imaginário, não é, Domingos? Imaginário jurídico. Os nossos melhores e mais agradáveis momentos no curso de Direito da Universidade Católica do Salvador têm uma marca indiscutível, Léo, do professor Thomas Bacellar. As aulas e as lições nunca eram monótonas, professor. As aulas eram sempre inspiradoras. Inspiradoras de um conhecimento que ultrapassa o conhecimento jurídico. Professor Thomas, assim como um grupo de juristas baianos de alta estirpe, sempre nos ensinou que, além do Direito, nós precisamos conhecer muito da alma humana, do ser humano.

Nesse sentido, eu sou aqui uma testemunha viva daquilo, professor, que o senhor nos ensinou, mas sobretudo daquilo que o senhor sem declarar, sem expor de forma muito direta... quantas pessoas o senhor ajudou, quantos alunos e alunas, assim como eu, foram agraciados com a sua presença, uma presença que ultrapassava, muitas vezes, a sala de aula, uma presença de apoio, de estímulo para não desistir dos nossos sonhos. Eu sou testemunha, aqui, hoje, de que resisti na Faculdade de Direito, por conta de uma série de fatores, porque o senhor estava lá, sempre me apoiando.

Então, eu trago esse testemunho, que é um testemunho familiar de alguém que tem um valor imenso para todo o mundo jurídico, mas que para nós, para a nossa família, para Firmo Venâncio, o meu pai, para o nosso avô querido, saudoso Cândido Peralva, o senhor tem um lugar muito especial naquilo que mais importa na vida de todas as pessoas, o coração, o afeto.

Receba de nós, da nossa família, do povo de Campo Formoso, de todas as pessoas que tiveram e têm a felicidade de conviver com o senhor, o mínimo que seja, essa gratidão e essa alegria pelo senhor estar recebendo hoje, muito merecidamente, a mais alta comenda desta Casa. O senhor é merecedor disso, e todos nós aqui estamos

felizes por podermos participar deste momento com o senhor, com toda a sua vivacidade, podendo, mais uma vez, estar aqui conosco. Certamente, será mais um momento de uma escuta muito importante que nós vamos fazer, na manhã deste dia tão importante para nós.

Queria parabenizar, mais uma vez, a escolha desta Casa por essa homenagem. Queria dizer que nós, de Campo Formoso, somos muito gratos pelo senhor sempre referenciar aquela cidade, a nossa terra natal, a importância que o senhor dá às suas raízes, a importância que o senhor dá ao Direito, mas, sobretudo, a importância que o senhor dá ao ser humano.

Muito obrigada por este momento de poder compartilhar, de lhe agradecer por tudo, mas, sobretudo, de parabenizá-lo.

Viva a Thomas Bacellar! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, convido o professor César Faria, que neste ato representa o diretor da Faculdade de Direito da Ufba, Julio Rocha.

O Sr. CÉSAR DE FARIA JÚNIOR: Bom dia a todos e a todas aqui presentes. Faço uma saudação à Mesa na pessoa do presidente desta Assembleia Legislativa, como disse, a Casa do Povo, o deputado Adolfo Menezes, parabenizando-o, também, pela iniciativa.

Vejo tantos colegas, tanta gente aqui e, com relação ao nosso grande homenageado, o meu professor, professor de todos nós, Thomas Bacellar, eu quero dizer o seguinte: eu vim aqui com o espírito de todos que estão aqui, de gratidão pelo seu exemplo, pelo que nos inspirou ao longo da sua trajetória, às vezes, até sem saber. Isso ocorre muito com o professor, ocorre muito com o advogado, com o tribuno, com o orador, tudo isso que o senhor é.

Então, neste dia de sexta-feira, dia 15, todos nós estamos aqui da mesma forma, certamente, deixamos compromissos de final do ano para aqui estarmos presentes. E, aqui chegando, recebi uma mensagem do diretor Julio Rocha para que eu representasse a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, o que muito me honrou, porque ele, ainda na brincadeira, diz que eu já sou praticamente um decano. Quero dizer que não sou o mais velho, mas já sou um dos mais antigos.

E quero lembrar aqui, até para descontrair um pouquinho, de um lado que todos conhecemos, da verve do nosso homenageado e a sua inteligência ferina, também. (Risos) Ele brinca comigo que me conheceu lá, quando eu era calouro da Universidade Federal da Bahia e ele diz: “Quando você era magro, quando era magrinho”. Ele sempre faz esse comentário comigo e eu prometo fazer um regime. Agora, no final de ano, vou prometer mais uma vez. Possivelmente, não irei cumprir.

E dizer do professor Thomas que, como ele sabe também, eu, recém-formado, me tornei, muito cedo, seu colega, para minha honra, nos departamentos de Direito Público, Direito Penal e Processo Penal, ensinando Processo Penal. E aí, passamos a

estreitar a nossa convivência, já como colegas. Eu sempre me colocando como aluno, como sou até hoje e serei o eterno aluno e aprendiz seu.

E me lembro de alguns momentos em que eu o encontrava no corredor, com aquela empolgação do verdor dos 25 anos, dando aula. Eu trocava uma ideia para ver qual era a opinião do professor Thomas. E me lembro de uma certa vez, quando nós estávamos implantando ainda a prática jurídica penal, e não tinha programa, não tinha nada. E me disseram lá: “Olha, você pode fazer o que você quiser, até plantar bananeira em sala de aula, contanto que você não deixe de pegar essa turma, porque a gente precisa dessa turma”.

E eu criei, no improviso, um projeto de júri simulado. Distribui inquérito para fazer relatório, denúncia e tal. Foi aquela empolgação, os alunos gostaram muito. E eu encontro o professor no corredor: professor, estou com esse projeto de um júri simulado... E ele olha para mim assim e diz: “E qual é o júri que não é simulado?” (Risos) Aí, acabou... e eu fiquei assim e disse: mas, professor, é isso mesmo? Pior que ele tinha razão, qual é o júri que não é simulado? Esse é o professor que todos conhecemos, não é? Que nos desarma assim, quando a gente vai conversar sério. Eu ia conversar sério ali com o senhor, professor. E o senhor: “Qual é o júri que não é simulado?” (Risos)

Professor Thomas, eu não vou me alongar aqui contando os casos e “causos” que a gente hoje ouve do senhor, mas quero dizer que essas homenagens... e aí eu quero parabenizar, mais uma vez, o presidente da Assembleia, porque é muito fácil se homenagear alguém que acabou de assumir um cargo, alguém que tem poder, é muito fácil lotar um auditório assim. Mas quando aquela pessoa deixa o cargo, depois, não é homenageado, é esquecido e não enche mais nem uma sala, quanto mais um auditório deste.

Então, para finalizar, parabenizo, mais uma vez, o presidente, assim como o professor Thomas Bacellar, por ter dado um exemplo, ao longo desses anos, das qualidades que devem ter um verdadeiro advogado, sobretudo um advogado criminalista – permitam-me os que não são dessa área –, que é a independência que o senhor sempre teve. Firme, porém sempre independente. A coragem, já dizia Aristóteles, é pressuposto para o exercício das demais virtudes. E ao senhor nunca faltou, também, a coragem. Da mesma maneira que a cultura, o conhecimento e a paixão pela causa que defende e que defendia com grande ardor.

E é por esse exemplo que, meramente por gratidão, sem nenhum outro interesse, é um colega. A idade, ele não diz, nem eu vou dizer, mas é um colega que já tem essa trajetória que eu não sei mais dizer de quantos anos, para não fazer conta. De maneira, professor Thomas, que é muito justa essa homenagem e, na verdade, ela transcende a sua pessoa. É uma homenagem aos valores que o senhor defendeu durante todos esses anos. E é por isso que, finalizando, eu parabenizo o presidente Adolfo Menezes pela bela iniciativa.

Obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, eu convido o filho do homenageado, Leonardo Bacellar, para, em nome do Poder Legislativo da Bahia, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho ao professor e jurista Thomas Bacellar.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, concedo a palavra ao nosso homenageado, o professor Thomas Bacellar.

O Sr. THOMAS BACELLAR DA SILVA: Eu estou acostumado a falar de pé, até em aula ninguém jamais me viu sentado. Entretanto, eu vou preferir ficar sentado hoje, ladeado dessas pessoas e de frente para outras. Uma das posições mais difíceis que eu me encontrei na vida é essa daqui de hoje. As coisas simples são assim, por isso que a Bíblia diz: “Olhai os lírios do campo”, como são simples.

Sr. Presidente, Adolfo Menezes, eu já falei neste Brasil quase todo, com todo tipo de microfone. O melhor é o do Superior Tribunal de Justiça, melhor do que o do Supremo. Foi nele que eu pronunciei, na saudação a um professor meu, desembargador e ex-ministro, Adhemar Raymundo da Silva, que o Superior Tribunal de Justiça recentemente reproduziu.

Mas já falei também sem microfone nenhum, seguindo os impulsos que me rebentam da alma. Falei, na época anterior – César sabe disso –, por 3 horas, sozinho na tribuna, sem nunca tomar cafezinho, nem água, nem aquele líquido que, algumas vezes, os incautos veem na bancada da defesa, branco, transparente como uma hóstia consagrada. (Risos) Não devem provar! Dizem que a liberdade é como o vinho simbólico do sangue redentor que, embora sacrossanto, não deixa de poder embriagar.

Meus amigos, como disse, presidente, Baltazar – que me escutava tanto, atento, do lado direito da sala de aula –, eu estou realmente em dificuldade. Uma porque eu não tive tempo de fazer o esquema sintético, não tive tempo de fazer síntese. E eu teria tanta coisa a dizer! O ministro baiano do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro, certa vez, disse assim: “Cada baiano conhece até a história da avó do outro.” (Risos) É nessa condição que eu me encontro aqui hoje. Eu conheço a família toda de Adolfo, conheci antes dele nascer, a dele e a de outros que estão aqui e que eu não vou nem nominar. Não é por ética, não, é pelo fator tempo. Não se faz nada sem tempo.

Camões tem dois sonetos primorosos sobre o tempo. O tempo transforma o segundo em minuto, o minuto em hora, a hora em dia, o dia em mês, o mês em ano. O tempo acaba tudo, mas faz, às vezes, com que o verde reverdeça! Eu hoje cheguei aqui, num daqueles dias em que nós estamos, como diz aquele tango argentino, em estado “gris”, cinzento, como os corredores das penitenciárias. Mas, por vezes, se opera algo assim de milagroso que o espírito muda, transmuda. Mas, ainda assim, Sr. Presidente, meu caríssimo Adolfo Menezes, que alegria de sentimentos me veio aqui nesta Mesa ao vê-lo presidindo um Poder do Estado, o Poder Legislativo.

Quem conheceu toda sua família o viu pequeno e seu irmão, uma vocação política dessas raras que a Bahia teve, raras! Um ser humano, intrinsecamente, fundamentalmente, bom e trabalhador, seguindo o exemplo do pai e ouvindo os conselhos da mãe, que o trabalho é a característica primordial da condição humana.

Na família de Adolfo não tem ninguém preguiçoso. Aliás, o pai dele e o meu costumavam dizer juntos, lá em casa, abordando esse tema, eles diziam que tem que trabalhar mesmo porque quem gosta de preguiçoso são as penitenciárias. (Risos) Eu vi todo o desenvolvimento físico de Adolfo, seu modo de ser especial, diferente da família, puxou um pouco ao pai. E puxou muito ao pai na lealdade, na correção. Conheci bem a família Peralva, que está aqui para honra minha, lá de Campo Formoso, à que se agregou Arlivan e outros, que eu não quero citar para não encompridar esta fala.

No 2º ano de Direito, eu estava em um dos primeiros comícios em Campo Formoso, em favor de Cândido Peralva e, defronte daquela serra, Elivan começou a escavar. Ele foi o primeiro, foi o pioneiro. Eu falando defronte daquela serra onde eu tinha homiliado inúmeras vezes, sobretudo na Semana Santa, na quinta-feira, perto da Gameleira, e na sexta-feira.

E eu que representava, Adolfo... você não era vivo ainda não, eu acho. Se fosse, andava namorando demais porque não ia aos comícios em Campo Formoso. (Risos) Ele sempre teve esse... Eu vou adiantar uma coisa aqui. Adolfo parece que leu muito Machado de Assis, ele não fala muito. Machado de Assis dizia que o sábio não diz tudo que pensa, mas pensa tudo que diz.

A cavidade bucal, da mesma forma que constrói, pode derrotar uma pessoa.

Eu estava falando lá em Campo Formoso, quando cursava o 2º ano de Direito. Não adiantava eu dizer que não iria falar porque Alberto Marques anunciava assim: “Hoje, vai falar o acadêmico Thomas Bacellar”. Ele passava no carro onde eu estava dormindo, parava defronte para dizer isso. Eu tinha de falar, eu era intimado a falar representando a mocidade de Campo Formoso.

Estou falando de Campo Formoso porque eu vim de lá. Eu estudei naquele prédio escolar José de Anchieta. No 1º ano, fui promovido para o 2º, no meio do ano. Outro dia, tirei até um retrato meu com o Leonardo, meu filho, na carteira que eu me sentava lá no prédio, na sala do 1º ano, que era a última à esquerda de quem entra. Foi a primeira vez que eu fui alvo, ao mesmo tempo, de inveja e de ódio.

A professora Zélia Maia, filha do prefeito Zé Maia, me promoveu no meio do ano, coisa que, naquela época, era rara, era uma coisa impossível, mas ela disse que eu não podia estar ali. Amavelmente, o gesto dela pegando no meu ombro, me levando; eu estava tímido, acanhado. Fui para o 2º ano e lá, aos olhos de todos, havia um certo sentimento de odiosidade por verem aquele quadro.

No outro dia, já era um exame de Português. Minha irmã levou quase uma parte da noite para me ensinar o que era substantivo e adjetivo. Quando cheguei e entrei na sala de aula, a professora me perguntou o que era substantivo. Eu nunca revelei essas coisas, mas, eu não sei o porquê, estou sentindo vontade de dizê-las. Acho que há tanta gente de Campo Formoso aqui que isso está agindo espiritualmente em cima de mim. Eu disse: “Substantivo é a palavra que nomeia os seres animados e inanimados”. Ela falou: “Diga de novo”. Eu disse: “É a palavra que nomeia os seres animados e desanimados”. Todos bateram palmas, acharam fantástico. (Risos) Essas coisas, meu amigo...

Mas eu representava a mocidade de Campo Formoso e vou começar a falar um pouco sério, viu, César? Eu representava a mocidade de Campo Formoso, era o orador do Campo Formoso Social Clube. Naquela ocasião, estava no regime em que queriam fechar o Congresso para Juscelino não tomar posse. Foi olhando o esplendor daquelas serranias que se levantam para o céu que se formou em mim a paixão pela liberdade. Desgraçado do país onde a mocidade apodrece na apatia e no desencanto! Desgraçado ainda mais do país onde a mocidade desertar! Não há de ser aqui em Campo Formoso que ela apodreça, não há de ser aqui que ela deserte.

E eu vou dar o que chamam, na área jurídica, e sobretudo os argentinos gostam muito dessa expressão: *per saltum*. Eu vou sair de lá para as universidades daqui. Um pouco de ascensão que eu tive – Francisco Neto sabe, eu não falo dele hoje para poupá-lo (risos) – eu vi nos ombros da mocidade, na mocidade universitária, na Universidade Federal da Bahia e depois na Universidade Católica do Salvador. Eu não quero contar essa história porque eu não tenho tempo. Estou fazendo uma referenciuzinha, uma espécie de pulso de colibri, de beija-flor.

Para começar, presidente, fazendo um corte cinematográfico, é tanta e tanta coisa que eu não posso dar vazão a mim mesmo. Eu estou habituado a contenções. Oscar Wilde dizia que ele resistia a tudo menos a certas tentações. (Risos) Eu tenho de me conter, sobretudo por causa do tempo, presidente. Nós estamos já atrasados.

Para chegar aqui, peguei uma obstrução perto da Universidade Católica, lá em Pituçu, Germana, que eu nunca vi. Eu que estive desde a fundação, nunca vi o que houve hoje. Eu telefonei dizendo que eu iria chegar um pouquinho tarde, porque às vezes eu chego um pouquinho tarde – Esmeralda sabe disso, porque me acompanha fiscalizando minha vida –, mas eu sou como a providência divina: eu chego tarde, mas chego. (Risos)

Em matéria de amizade, eu sou como a família de Adolfo. Eu não sou de amizades transitórias nem de bem-querer passageiro. Tem gente aqui neste auditório que sabe disso. As minhas afetividades são definitivas e, às vezes, por isso mesmo, por força disso mesmo, meus ódios são muçulmanos também! Meus ódios são muçulmanos também! Minhas amizades são definitivas, por isso eu não posso deixar de citar os meus compadres, Ana e Flávio, uma história de amizade rara nesta Terra, que muito me honram por estarem aqui presentes. Como eu gostaria de falar sobre isso, mas eu tenho de falar breve, não tão breve quanto o presidente, mas me inspirando também nele hoje.

Eu quero, presidente, através da Presidência, homenagear todos que aqui estão. Falar de um por um, de um lado e do outro, são todos meus alunos. Às vezes, parece que eu estou dentro da sala de aula. Não me conformo com estes adornos, estou vendo-os lá dentro, sendo o que eram.

Presidente, quando eu fui eleito presidente da OAB-BA, Graciliano, eu fui a uma comemoração de 60 anos de formado. Fiquei um tanto chocado ao ver os velhinhos brincarem como criança, um jogando papel no outro e chamando o outro pelo apelido. (Risos) Uma forma curiosa, um retorno à infância que todos nós temos. Até tem um livro chamado *O Deslize do Moralista*, o que também é um fato.

Sr. Presidente, através da sua pessoa, quero homenagear todos que estão aqui à Mesa, todos os que se privaram de estar em seus lares, em seu trabalho, em seus folguedos, para chegar aqui e homenagear uma pessoa que, em todas as instituições que foi, uma das coisas que primeiro pedia era que não lhe prestassem homenagem nem lhe dessem presente, nem no aniversário.

Mas há instantes irresistíveis da vida. Eu homenageei muita gente, mas esta posição de homenageado, eu agradeço intimamente, é emoção demais. Por isso que uma cantora mexicana, no meio da praça do México, nas Olimpíadas de 1968, homenageada, emocionada de uma forma que os nervos estavam em frangalhos, ela disse que estava tocada com tanta manifestação de amizade, de afeto, de tudo. Ela disse que queria dar em dobro, mas, infelizmente, ela só sabia cantar e tinha de, através do canto, manifestar todas as reações da sua alma ao povo mexicano. É o que ocorre às vezes comigo, Sr. Presidente.

Eu que vim aqui para receber esta comenda, tinha de falar sobre o 2 de Julho, interligar com o 7 de Setembro e falar como estava o mundo antes, antes, antes do 7 de Setembro, como foi o sopro da liberdade em favor dos países latino-americanos. E por que a nossa independência foi diferente das outras? Porque as relações entre a colônia e a metrópole continuaram, o que não ocorreu com todas as outras colônias da América Latina que obtiveram a independência. Explicar o 2 de Julho e responder um pouco ao historiador cearense Gustavo Barroso, que, no começo da década de 50, lá no instituto histórico, foi chamado oficialmente para falar sobre o 2 de Julho.

Ele falou perante as Três Armas, e depois do que ele disse saíram, em fila, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica, foi uma coisa esquisita, eu nunca vi igual, ele disse: “Não existiu essa guerra! E se foi uma revolução branca? Foi uma guerra de algodão, tinha brasileiro do lado dos portugueses e portugueses do lado dos brasileiros, a luta foi uma simulação, estavam lutando por interesses materiais.”

Quando as Três Armas saíram, ele tirou do bolso uma lista... Meus senhores, eu estava presente, eu, Rômulo Galvão, lá de Campo Formoso, José de Assis Galvão de Carvalho – que conheceu muito, conheceu muito o Brejão da Caatinga, eu conheci o Brejão da Caatinga com ele – e Alzier Matos Cardoso. Nós quatro ouvimos isso e saímos apavorados.

As Três Armas deixaram o local, ele tirou uma lista do bolso e disse: “Eu não estou inventando, quem está dizendo isso são os mais autorizados historiadores daqui”, e leu a lista toda.

Eu cobrei do instituto histórico, depois, uma resposta àquilo, uma resposta firme, como queria Dom Antônio de Macedo Costa, aquele homem da questão religiosa, que foi uma das causas da queda do Império, que dizia: “Quando o agravo é muito grande, não pode haver objeção como ocorre com a naturalidade de uma reação química”. Tem de responder a ele porque foi que houve mesmo a guerra. Até hoje, presidente, isso não se fez.

Achei que deveriam fazê-lo porque ele foi convidado oficialmente, ele não pediu para vir fazer, ele veio porque o instituto o convidou. E ele tinha de dizer aquilo que pensava. Ora, é isso, imprudência com imprudência. A direção deveria ter perguntado

a ele qual era o pensamento dele a respeito do 2 de Julho, e ele também deveria ter feito o mesmo.

Então, essas imprudências se encontraram naquele local. E ficou um ambiente estranho. Eu cobreí várias vezes da presidência que respondesse àquilo. Não precisava ir mais além do que o que escreve, nas suas *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*, Ignacio Accioli. Só ele responderia àquilo tudo que Gustavo Barroso disse. Mas, infelizmente, isso não ocorreu.

Essas coisas não podem acontecer quando se convida oficialmente um homem que era o principal historiador da maior revista da América Latina, *O Cruzeiro*. Era ele que, toda semana, escrevia sobre a história do Brasil, então, isso não podia ficar assim. Porque, meus amigos, seja me permitido dizer, o que eu queria, primeiramente, começar revelando ou registrando é que, por três vezes, esta Assembleia Legislativa da Bahia proferiu atos e manifestações dirigidas à minha pessoa que me desvaneceram e muito me honraram.

Tem o tempo, eu vou falar rápido. A primeira foi quando eu fui eleito, pela primeira vez, na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, paraninfo de turma, em 1968. Estavam preparados para a solenidade quando foi editado o AI-5. O AI-5 desabou sobre a nação brasileira como um raio que cai da imensidade provocando destroços dentro e fora da universidade, cassações, prisões, invasão da Faculdade de Direito. Eu estava presente na hora em que a polícia entrou.

Não vou contar essa história, não. Eu não posso porque eu estou advertido aqui pelos meus espíritos. (Risos) Tobias Barreto disse: “Uma das posições mais desfavoráveis para o orador é quando fala a quem está em banquete, comendo, porque as palavras podem provocar indigestão.”

Mas, pelo correr da minha vida, em que tenho falado de toda forma possível imaginável, sobretudo dentro da ditadura, eu acho que a posição ainda mais desfavorável é quando se fala a quem tem fome porque fica o aspecto de uma pessoa que quer até ser deglutida. Aliás, quando eu fui falar sobre o direito penal indígena no Brasil em 1500, eu li trechos de historiadores dizendo que tinha índios que comiam gente, pegavam e comiam, almoçavam e jantavam. Mas eu não vou tratar disso agora, (risos) não é um bom prato para este momento.

Está em Roberto Lyra, Direito Penal indígena, está no genro de Basileu Garcia, nosso amigo que escreveu os melhores trabalhos sobre essa matéria, o direito que estava vigendo quando o Brasil foi descoberto, em 1500.

Portugal. Eu vou falar de Portugal, a pátria da nossa pátria, que construiu a universidade, que nos deu Camões. Não vou falar assim, mas Portugal, o direito português, as três ordenações (Afonsinas, Manuelinas...). As Ordenações Afonsinas começaram a vigorar em 1449, era todo o direito que Beccaria, no seu livro, condenava, um misto de beatice e ferocidade.

Foram continuadas pelas Ordenações Manuelinas, de 1513. Quando o Brasil foi descoberto eram essas ordenações que estavam em vigor em Portugal, e vêm as capitanias hereditárias etc. etc. etc... Muita coisa tenho a dizer, mas eu tenho de resumir, não vou falar só isso.

Vigeram até 1580, sendo substituídas por outras que começaram a vigorar a partir de 1580 até a chegada do primeiro Código Criminal do Brasil, de 12 de dezembro de 1830, de autoria de Bernardo Pereira de Vasconcelos. Disputavam dois grandes projetos, eu ia até trazê-los hoje, na época foi uma disputa grande, o projeto de José Clemente Pereira e o de Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Presidente, uma das coisas mais difíceis no Brasil hoje é a elaboração de lei, porque antes se convidava os homens de maior potência intelectual, hoje você deve ter muito cuidado, porque um grande perigo que ronda o mundo jurídico são os legisladores. Eu não quero falar sobre isso, eu quero viver ainda muito.

Eu não posso dizer tudo que sei, a não ser que eu faça como fez Medeiros e Albuquerque, ele tinha coisas tão graves a dizer a respeito disso, dos presentes na época, que ele botou escrito no livro assim, “*Quando eu Era Vivo – Memórias*”, (risos) para o filho publicar 50 anos depois.

Eu não quero dar essa missão a Leonardo, que, por sinal, recentemente, teve um pedaço de si mesmo, um filho, que tem o nome do filho do padrinho, Bernardo. Há pouco tempo ele chegou a este globo terráqueo, cujos dias ninguém sabe ainda quantos serão. A Leonardo e a ele eu dedico também esta homenagem. (Palmas) Espero que ambos tenham mais vida do que eu e com maiores virtudes também.

Agora, meus amigos, a arte mais difícil de todas é a arte de viver. É a mais difícil.

Presidente, eu não quero ocupar muito tempo, só apenas dizer coisas que vocês não sabem, e deviam saber, porque está na moda um modo novo de ser, pessoas que pensam que tudo está começando hoje. (Risos) Ignoram o passado. A história é a grande mestra da nossa vida, em todos os sentidos, é o espelho pelo qual nós podemos ver o futuro e evitar os erros que lá atrás foram cometidos.

Não se escreveu até hoje livro igual *A Divina Comédia*, é isso. Não, não tem, é conversa para boi dormir, não existe, *A Divina Comédia* está na frente de tudo. E a Espanha foi salva com um único livro, *Dom Quixote de La Mancha*, eu o tenho em várias versões. E ele de lá, com as exigências com que deve ser escrita a história, e o historiador falso, que faz contrafação, deveria ter uma das piores das penas. Deveria o falso historiador ser queimado vivo, porque a história é essencial na vida dos povos.

Hoje está se vivendo de uma forma em que a pessoa não sabe quase nada a respeito de tudo. (Risos) Eu não vou dizer que tem ministro do Supremo Tribunal que não podia ser juiz, eu não vou dizer isso, porque quem está dentro da área jurídica é porque ama o Direito. E, ainda que o ministro da Suprema Corte não se respeite e não respeite os outros, nós, advogados, não podemos dar esse exemplo.

As críticas que fazemos, Baltazar, têm que respeitar as instituições, senão é desastroso tudo, ouviu, Ulisses? Não pode. Eu digo isso, presidente, porque atravessei a ditadura, raro era o dia em que, em casa... Às 7 horas era a hora, a nossa secretária, neta de escravo, por sinal, que amava a mim, ela, quando via Léo, chegava a me comover... (Inaudível).

Pra meu pai: “Seu Manoel, tem um verde oliva aí procurando o Dr. Thomas”. Era a hora das forças ocultas, qualquer coisa que eu fizesse... E tinha um cidadão, presidente, era uma das coisas que mais me incomodava na ditadura, era isso, um

cidadão destacado, uma figura humana horripilante, ele teve um câncer na cabeça e ficou um quasímodo, uma coisa incrível, mas eram desses que eles gostavam para perseguir a pessoa.

E até porque, não sei se vocês tiveram notícia de uma boate que tinha aqui chamada “Bual’Amour”, atualmente já tem coisa bem melhor, eu estou desatualizado. Não era, como dizia Augusto dos Anjos, não era esse grande bebedouro onde o gado humano vai matar sua sede, não era, não, era uma boate onde se guardava o pudor necessário para a convivência.

Porque não houve uma sociedade desprovida de pudor, o senso moral, desde a infância do mundo, existe em maior ou menor grau. Não se pode derriscar a moral da sociedade como alguns querem hoje, umas espécies de anarquismos, nem os anarquistas queriam isso também, lá na Rússia.

Mas o certo é que esse homem me perseguia dia e noite, dia e noite, me filmando na Bual’Amour, me filmando às 2 horas da manhã, era assim, era assim. Uma vez eu fui chamar a Polícia Federal de órgão repressivo, me chegou uma intimação: “Pra lá!” Cheguei, fui com o carro, com muitos livros, Constituição brasileira, o código de processo e a constituição de outro país.

Cheguei lá, disseram: “Por que é que o senhor está chamando a polícia de órgão repressor?” (Risos) Eu disse: “Eu costumo tratar as instituições com seriedade”. E há o “abc” do Direito Constitucional, a Constituição é um superdireito, ela tem que dar uma de superdireito. A Constituição, ao tratar da polícia, depois complementada pelo Direito Administrativo, ela...

Devido à polícia, eu estou falando aqui diante de quem? Do Ministério Público primeiro, de um jogador de segunda instância, Baltazar, tem que passar por ele primeiro para chegar a Ulisses, oh, que nome, “Ulisses”, hein? Helian, Francisco Neto, o delegado, ia todo dia à secretaria de Segurança lá, eu não vou discorrer sobre isso, não.

E eu disse, então: “Eu aprendi que a polícia se divide em duas: administrativa ou preventiva e repressiva ou judiciária, eu estou aqui como presidente da Ordem dos Advogados”. Fui chamado várias vezes, isso era comum, qualquer coisa, não chamavam outro, não, era o presidente. Eles não incomodavam muito a comissão de defesa da classe, não, era eu, e eu também não me negava, não.

Disse: “Eu aprendi assim e assim está na Constituição, assim está no código de processo, o código de processo, duas vezes, fala desse assunto, chamando de ‘repressora’...” O Código de Portugal, o Código da Colômbia, os mais adiantados... Hoje o melhor código da América é o da Colômbia, a constituição também é, até a redação é superior às de todos da América Latina.

Disse: “Que nome o senhor quer que eu...? Porque aí eu já inverte a situação, em vez de eu estar destratando, será o senhor”, e ele era... (Risos) Eu disse assim mesmo, mas em tom delicado, porque, quando você previa que poderia degenerar numa briga mais séria, você o tratava muito bem, o deixava iniciar a agressão. Para se reconhecer juridicamente a legítima defesa, a agressão se inicia quando o agressor dá o primeiro passo em direção ao agredido ou saca-lhe a arma. Você tem de evitar isso. Você tem de deixar para o seu opositor fazer isso para você se posicionar no exercício

de uma causa de exclusão de ilicitude jurídica, a legítima defesa. A nossa Constituição diz isso. O Código de Processo Penal chama assim.

Eu estava defendendo a Dr.a Ronilda Noblat, porque ela foi agredida no exercício da profissão por um policial federal. Então, estava como assistente de acusação. A Ordem dos Advogados do Brasil tem uma posição *sui generis*. Os juristas quando estão em dificuldade para definir a natureza jurídica de um instituto apelam para a expressão latina *sui generis*. (Risos) A OAB é um assistente *sui generis*, por que *sui generis*? Porque ela, a instituição, pode se habilitar num processo penal. Eu fiz isso ao lado do acusador do Ministério Público e ao lado da defesa. Eu já funcionei de um lado e do outro, mas tem de se habilitar – de acordo com o art. 269 e seguintes do Código de Processo Penal – para poder praticar o ato.

Eu disse: eu estou aqui para defender a Dr.a Ronilda Noblat, na época, era a única mulher que atuava na área criminal. O Direito na ditadura era diferente de hoje, meus amigos, um pouco diferente. Eu não vou nem dizer como era. Vou me referir a um fato só. Esse aí. Ela estava numa situação aflitiva, pelo modo como foi tratada.

Junto a ela estava uma outra mulher, dentista, estudante de Odontologia, com 18 anos, que eu também defendia. Ela estava presa, porque estava dentro de casa, estudando com os colegas, programando um encontro nacional; numa sala cheia de armas, fuzil antigo, *parabellum* etc. (Risos) Eles disseram que ela estava se preparando com os outros para se levantarem contra a Presidência da República e outros lá. Sempre acusações de conteúdo indeterminado.

Depois eles chegaram à conclusão de que realmente se tratava de um pai colecionador de armas, de que ela estava estudando e de que aquilo não era nada. Várias vezes ocorreu isso. O major virou-se para mim e disse assim: “Dr. Thomas, o senhor quer um fuzil desse? Eu lhe dou.” Eu disse: major, eu só aceito numa condição. Ele disse: “Que condição?” Se o senhor colocar uma dedicatória para mim aí. (Risos)

Meus amigos, vocês não sabem o que era o negócio com a ditadura. Eu peguei desde o primeiro dia. Eu estava dando uma aula inaugural na Escola Superior de Polícia Civil sobre o caso das prisões quando o AI5 foi invocado em 13 de dezembro de 1968, que foi até 1978.

Eu queria dizer uma coisa, Sr. Presidente, Daniela, não existe país no mundo em que tivesse ocorrido o que ocorreu no Brasil. Uma Constituição autoritária, a de 1967. Quem viu sabe! E por cima dela, sobre ela, como uma espada de Dâmocles, um ato institucional escorando, garantindo as suas interpretações extremadas.

Não existe, nem no Baixo Egito, um exemplo desse. Uma Constituição e por cima da Constituição, um ato institucional. Recorra ao melhor, talvez, dos livros que expõe as ideias políticas: Raymond G. Gettell, História das Ideias Políticas. Recorra ao monumento que é Barnes e Becker - História do Pensamento Social, Dois volumes, 2 mil e tantas páginas. Não sei se irão escrever outro livro daquele. Não existe um exemplo como foi aquele que vivenciamos.

Sr. Presidente, os bacharéis que me elegeram paraninfo, pela primeira vez, foram privados da solenidade. Foi no governo de Roberto Santos. O local da solenidade era a reitoria federal. Foram privados! Era formatura em grupo, o diretor da faculdade disse

que se tivesse discurso tinha de passar pela censura. Naturalmente, eu falei que ia seguir João Mangabeira, como sempre... (Risos)

João Mangabeira foi paraninfo da turma da faculdade dele em 1944 e fez um discurso que só está abaixo da Oração aos Moços de Rui Barbosa. Quando os representantes do DOPS de Getúlio Vargas chegaram querendo o discurso, ele disse: “Só cortando a cabeça, porque está aqui dentro.” Então eles recuaram. Ele disse: “Eu vou falar, eu vou falar.”

Como Rui Barbosa fez na cidade de Senhor do Bonfim. Quando ele chegou lá, saiu da estação para falar no prédio da prefeitura, onde eu falei tantas vezes. Disseram que quem estava mandando era a oposição dele e que ele não iria entrar. Esse retrato que você vê de Rui, em Bonfim, é subindo aqueles degraus do bispado, na rua Cônego Hugo. Ele passou por lá com outros amigos para dizer ao bispo que ia entrar na prefeitura para fazer o discurso. Rui Barbosa, como dizia o seu maior opositor, Pinheiro Machado, ninguém sabia se o que ele tinha de maior era a cultura ou a coragem, pessoal – embora tivesse 1 metro e 57 centímetros de altura. Ele, grande Napoleão. Pois bem, ele foi e falou. E eu tenho esse discurso.

Bonfim, terra do bom começo. Não é uma ameaça que eu não vou dizer aqui agora... Eu tenho a eleição de Rui Barbosa toda aqui da Bahia, município por município. Eu ia dar ao professor Josaphat Marinho, que foi meu professor, mas eu só ia dar se ele pedisse. Eu mostrei a ele. Ele olhou muito, com olhos de quem bota quebranto, mas não me pediu. Então eu não dei. Era difícil encontrar dessas coisas, por isso, não se pode perder, nem confiar. A apropriação indébita, como eu sempre digo, é o mais sedutor dos crimes, porque quem tem a coisa alheia a justo título na hora de devolver sente uma irresistível vontade de ficar. Aqui tinha um advogado famoso. Eu não vou dizer o nome. Ele disse que fazia biblioteca com livros alheios (risos), emprestados, mas eu sabia quem era, a Bahia sabia.

Bom, presidente, sabe quem foram esses bacharéis, esses estudantes que me elegeram e que sofreram abalos sísmicos com o Ato Institucional nº 5? Vou citar alguns somente: Eliana Calmon, ministra do Superior Tribunal de Justiça; Dolores Correia, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região; Aloísio Palmeira, de Pindobaçu, presidente do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Brasília. Foi ele que instalou a 1ª Vara da Justiça Federal em Campo Formoso. Nós o conhecemos, nós somos índios da mesma taba; Pedro Milton de Brito, um advogado de alto padrão de moralidade e de elevada cultura, único generalista que a Bahia teve. Outros tantos que eu vou declinar do nome agora por falta de tempo.

Sr. Presidente, no governo Roberto Santos, foi a segunda vez que eu fui homenageado por esta Assembleia, quando o meu nome foi submetido para compor o Conselho Estadual de Educação da Bahia. Teve resistência a alguns nomes, o meu foi aprovado por unanimidade. Eu integrei o Conselho Estadual de Educação da Bahia com nomes extraordinários de educadores aqui, à frente dos quais estavam Alexandre Leal Costa, Yeda Barradas, Raimundo Mata, Bhagavan, Edivaldo Boaventura, Hermano Machado, e outros e outros. Nós pudemos contribuir tanto para a melhoria do ensino na Bahia, e é com satisfação que eu vi isso. Imbuído que sou dessas ideias

que eu procurei executar um pouco lá dentro da Comissão de Legislação e Normas, onde eu entreguei o plano educacional – não posso deixar de falar nisso – do Canadá e da China, do ano atrasado. O mundo ficou deslumbrado com aquilo. E este ano que passou, o Japão apresentou outro ainda superior, de acordo com as ideias fundamentais que constituem a missão das universidades. Eu não vou projetar aqui agora.

E quem em primeiro plano está? A formação do corpo docente, que, como todos dizem, é a chave de ignição, a chave de ignição para toda aprendizagem universitária. Todos esses grandes planos educacionais põem, em primeiro lugar, a formação do corpo docente. Isto porque o mundo sabe que a saída é pela educação. E educação por este quadro docente. Por que isto? Não vamos julgar pela exceção: a exceção é que não há bom professor para mau aluno, e vice-versa. Tem de se guiar pela regra. E que regra é? A regra é simples, no mundo todo reconhecida – é por isso que o corpo docente está em primeiro lugar, em todos esses planos aí. O mau professor gera o mau aluno; o mau aluno gera o mau profissional. E o mau profissional é a ruína dos países. É o que a história tem demonstrado.

Bem, eu não posso ir adiante, Sr. Presidente. Quero dizer que a última, a terceira, foi esta homenagem que estou sendo alvo aqui, que sobre-excede ao meu possível e pequeno valor. E que só podia vir de homens assim como V. Ex.a, que eu desde criança me habituei a admirar a família toda, que foi uma família formada naquele estilo que está no livro *O Ateneu*.

A crise de hoje não é crise propriamente da universidade. É crise do lar na educação. É crise da base. A universidade complementa, a formação vem de lá de dentro, não pode a universidade complementar sem base. O que sucede hoje é isto que eu vi ao longo do ensino e do tempo em que eu fui diretor – eu fui diretor das duas faculdades. A universidade tem deficiências notórias hoje, mas falta a vontade política de dar um outro rumo, porque a saída para tudo está na educação.

Então, Sr. Presidente, o Dois de Julho – para voltar a ele – é um marco, é um símbolo incontestável da conquista definitiva da independência brasileira. (Palmas)

Eu quero dizer que nós todos somos gratos a esses soldados brasileiros e baianos que lutaram. E eu não vou falar de Cachoeira etc. etc. etc. Quero dizer apenas que a gratidão é a virtude da posteridade. E é isso que nós estamos fazendo aqui.

Dizer o seguinte, à exemplo daquela cantora mexicana que tinha muito a dizer, mas infelizmente só sabia cantar. Eu, além disso, estou com o tempo apourado. (Risos) Em lógica, você pode dizer “vou terminar e não concluir”, “Vou concluir e não terminar”. Mas quando disser “por derradeiro” tem de respingar o ponto final. (Risos)

Então, é isto que eu vou fazer. (Palmas) Estou com gente aqui que já me ouviu demais nas universidades, estão saciados de ouvir a minha voz. Tem horas até, presidente, que nós temos de falar mais pelo olhar do que pelo órgão principal da fala, ainda que seja um Cícero, um Ferri, um Rui Barbosa onde o gênio borbulha à primeira vista.

Nós temos de terminar. Eu quero terminar com duas palavras só. A todos os que estão aqui presentes na Mesa, abraços sertanejos e, aos que estão aí no auditório, apenas

duas palavras: muito obrigado, (palmas) ou, ainda reduzindo a uma só, obrigado, Sr. Presidente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a todos para acompanharmos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença de todos. O nosso homenageado receberá os cumprimentos aqui no Salão de Atos ao lado.

Um bom final de semana a todos, um bom Natal, um feliz 2024, que Deus abençoe todos!

Declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.